

Ruth Rocha

Atrás da porta

ILUSTRAÇÕES
Walter Ono



SALAMANDRA

Ruth Rocha

Atrás da porta

ILUSTRAÇÕES

Walter Ono

DE ACORDO COM AS
DE NOVAS
NORMAS
ORTOGRAFICAS




SALAMANDRA



A casa do Pedrinho era uma casa antiga, pegada à Escola Dona Carlotinha de Araújo Cintra.

Antigamente, quando a avó do Pedrinho estava viva, ela ocupava as duas casas, que eram uma só.

Depois que a Dona Carlota morreu, a família separou o casarão em dois.

Uma parte foi doada para escola. E na outra ficou morando a família do Pedrinho.

Pedrinho gostava muito da avó, então vivia brincando no quarto que tinha sido dela.

Dona Carlotinha era aquele tipo de avó que todo mundo quer ter. Brincava com os netos de teatrinho, de acampamento no quintal, de amarelinha, tocava violão, cantava e contava histórias. E que histórias! Dava a impressão de que ela sabia todas as histórias do mundo.

De fadas, de lobos ferozes, de meninos e meninas que desobedeciam os pais (era dessas histórias que Pedrinho mais gostava), de reis, de piratas e de marinheiros.

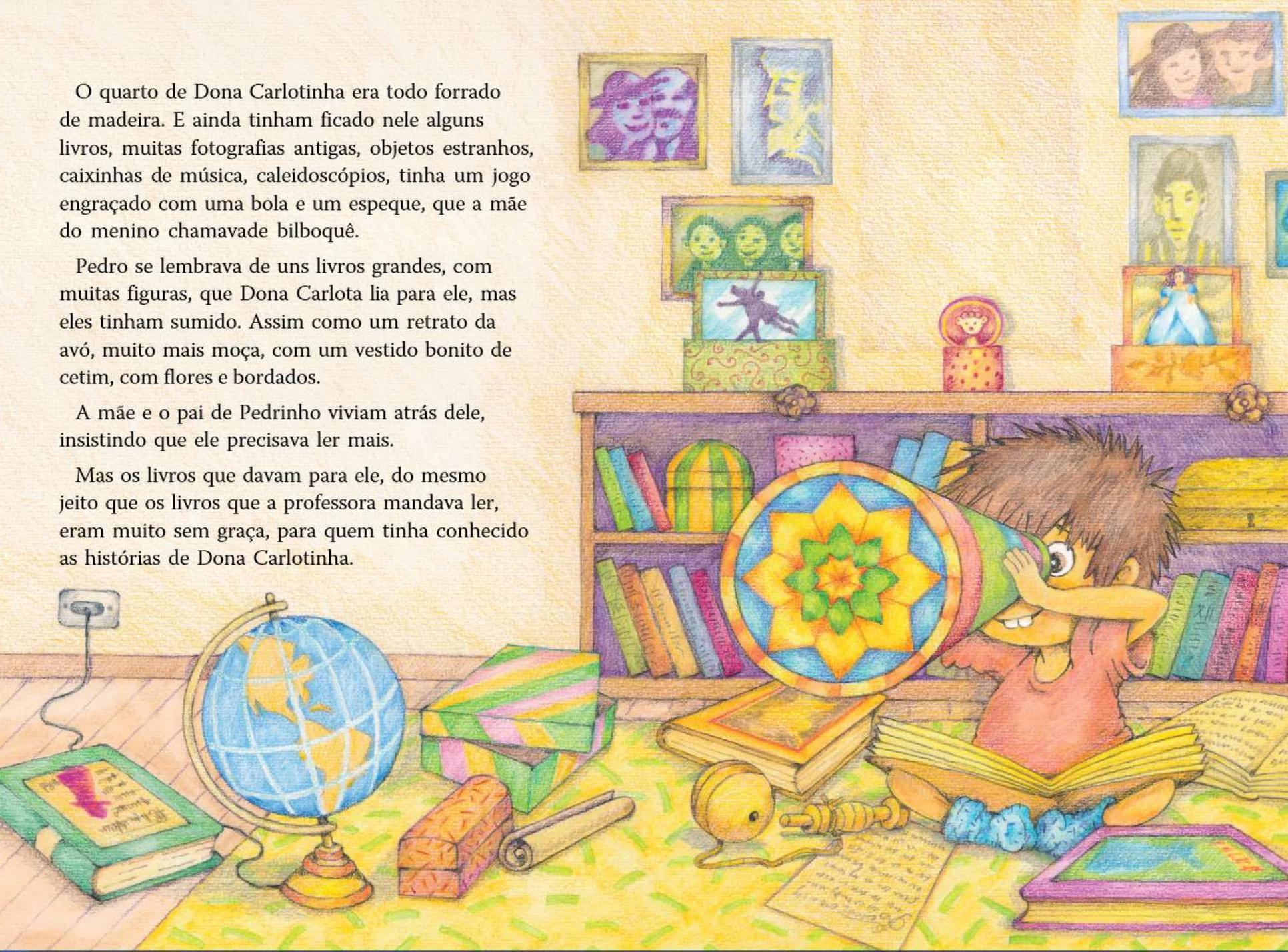


O quarto de Dona Carlotinha era todo forrado de madeira. E ainda tinham ficado nele alguns livros, muitas fotografias antigas, objetos estranhos, caixinhas de música, caleidoscópios, tinha um jogo engraçado com uma bola e um espeque, que a mãe do menino chamavade bilboquê.

Pedro se lembrava de uns livros grandes, com muitas figuras, que Dona Carlota lia para ele, mas eles tinham sumido. Assim como um retrato da avó, muito mais moça, com um vestido bonito de cetim, com flores e bordados.

A mãe e o pai de Pedrinho viviam atrás dele, insistindo que ele precisava ler mais.

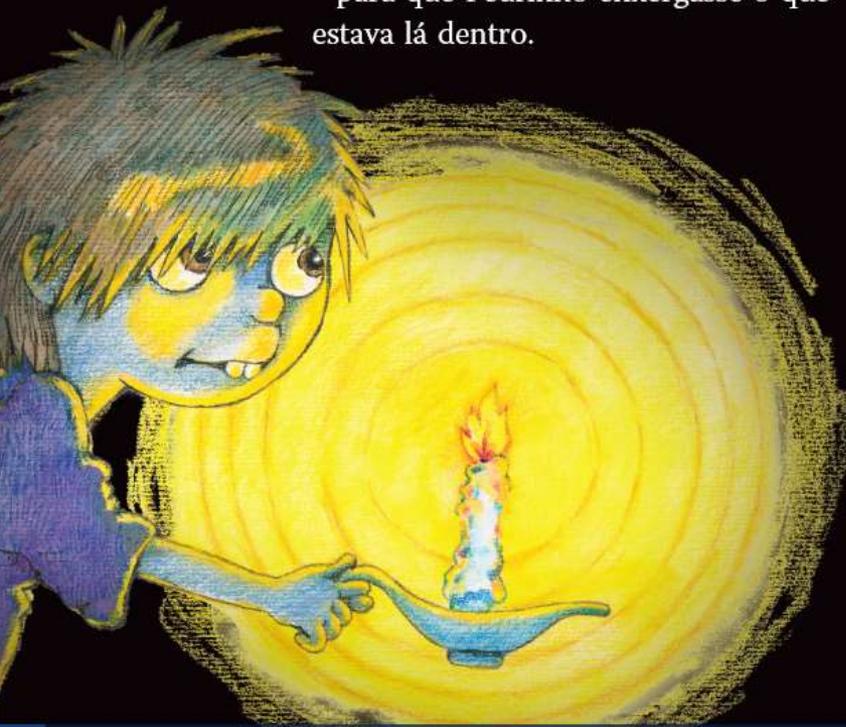
Mas os livros que davam para ele, do mesmo jeito que os livros que a professora mandava ler, eram muito sem graça, para quem tinha conhecido as histórias de Dona Carlotinha.



Pedrinho, nas horas vagas, ficava mexendo em tudo que tinha no quarto da avó. E tanto escarafunchou dentro das gavetas, no fundo dos armários, nas molduras e nos bordados que enfeitavam as paredes, que um dia ele rodou uma rosa entalhada num friso, a rosa estalou, a madeira se moveu e abriu-se uma porta na parede.

Era de noite. E do outro lado estava escuríssimo. Mas, embora Pedrinho tenha ficado com um pouco de medo, foi buscar uma vela e entrou pela porta, que ele já estava chamando de misteriosa.

A luz da vela tremia muito e levou algum tempo para que Pedrinho enxergasse o que estava lá dentro.



Então o coração do menino começou a bater forte, porque ele estava numa sala enorme, toda forrada de estantes de livros e no fundo, pendurado na parede, estava o retrato de sua avó, tão bonita, moça, num lindo vestido comprido, com um livro na mão.

Para Pedrinho, aquela era uma coisa mágica, era como se fosse um sonho, um espaço desconhecido.

Depois que passou a primeira emoção, o menino começou a olhar os livros nas estantes. Tinha livros de todos os tamanhos, de capas de todas as cores.

De repente Pedrinho encontrou um daqueles livrões que sua avó costumava mostrar a ele.

O menino abriu o livro com o coração batendo. Lá estava a história do Trenzinho do Nariz Frio; a do Marinheiro Tatuado; a dos Patos que Cantavam o Hino Nacional. E tinha a história da Menina que não Gostava de Nada, da Torre de Babel e uma, muito engraçada, que se chamava Enquanto eles Dormem no Japão. Pedrinho chegou a ler uma ou duas, mas percebeu, de repente, que estava amanhecendo.

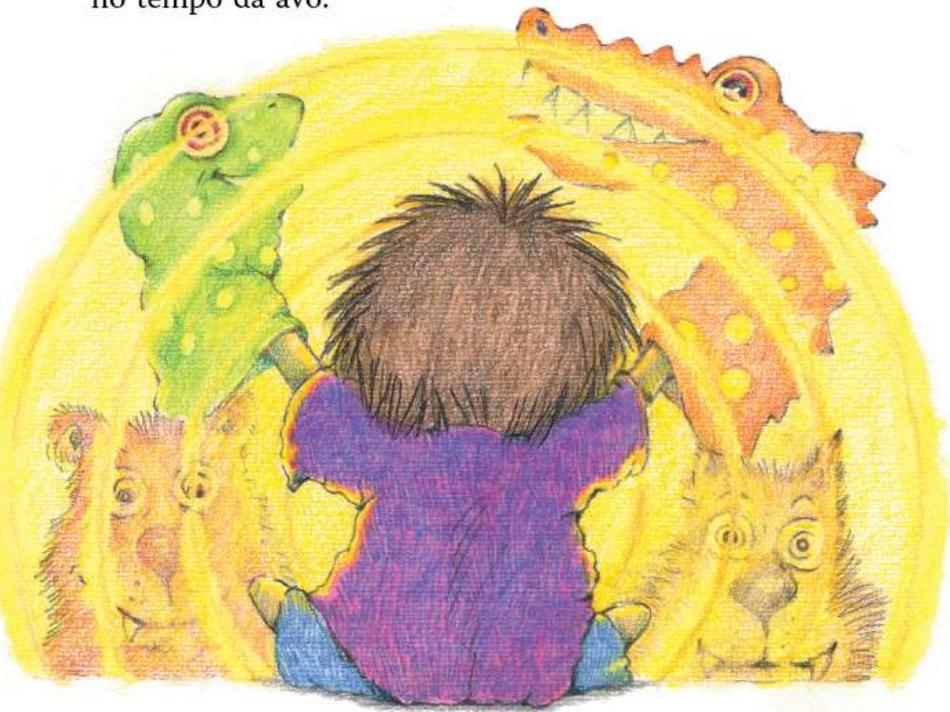


Ele não sabia bem por que, mas não queria que descobrissem o seu segredo. Então botou o livro no lugar e voltou para o quarto da avó. Dormiu um bocadinho e sonhou com aqueles livros todos e sonhou com sua avó, tão alegre, tão engraçada, tão querida!

O menino ficou com muito sono o dia todo, até tirou uma soneca depois do almoço, o que espantou muito sua mãe.

E à noite, depois que todos foram dormir, lá foi ele outra vez para a sala misteriosa, que Pedrinho não entendia bem onde ficava. Ele achava que aquela sala era um milagre que sua avó tinha preparado só para ele.

E leu bastante, riu muito de umas gravuras e cartões-postais engraçados que descobriu, encontrou um teatro de bonecos com que brincava no tempo da avó.



No dia seguinte, o menino não pôde resistir e contou sobre a sala ao seu melhor amigo, o João.

À noite, depois que todos foram dormir, Pedrinho desceu as escadas bem devagarinho e abriu a porta da frente.

Lá estava o João, que tinha trazido a irmã, a Tuca. Os dois estavam loucos para conhecer a sala misteriosa.

E a Tuca também não pôde resistir.



No dia seguinte ela trouxe a prima, a Julinha. E a Julinha trouxe o Marcos e o Marcos trouxe o Cláudio, o Cláudio trouxe o Miguel e o Miguel...

Cada um trazia sua própria vela para poder ver os livros, ler à vontade e brincar com as mil coisas interessantes que todos os dias eles iam descobrindo.



Então aconteceu uma coisa engraçada.

Começou a correr pela cidade um boato que a escola Dona Carlotinha de Araújo Cintra estava cheia de fantasmas.

As pessoas juravam umas para as outras que tinham visto luzes... Luzes que andavam atrás das janelas. Luzes que tremiam...

O vigia, seu Virgolino, que na verdade dormia a noite inteira, jurava que eram mentiras, “onde é que já se viu?”.



Mas muitas pessoas afirmavam que tinham visto pessoalmente as tais luzes.

Dona Gertrudes Afonseca e Silva, que morava do outro lado da praça e ficava vigiando na janela a noite toda, confirmava:

— São fantasmas, sim, senhor! Já vi cada sombra enorme lá dentro. Cruz-credo!

E o seu Benício de Carvalho Pinto, que sofria de insônia e andava pela cidade a noite toda, confirmava:

— Fantasmas! Dos bons! Eu é que não passo mais pela pracinha!

Os pais do Pedrinho, dona Joana e seu Antônio, ouviram falar dos tais fantasmas, mas como eles não acreditavam nessas coisas, não ligaram muito.



Até que um dia, a Joana levantou à noite para beber água e levou o maior susto com aquela fila de crianças de pijama, que entravam pela porta da frente, subiam as escadas e entravam no quarto de dona Carlotinha.

Então ela chamou o Antônio e os dois foram atrás da criançada. Atravessaram o quarto e entraram pela porta secreta.

Uma porção de crianças estavam sentadas às mesas, deitadas nos tapetes, recostadas nas poltronas, com suas pequenas velas acesas, lendo!

— Ora essa! — O Antônio exclamou.
— Que ótima surpresa, essa criançada toda lendo!



Mas Joana não estava entendendo:

— Ué! Por que é que vocês não vêm ler de dia?

Pedrinho respondeu por todos:

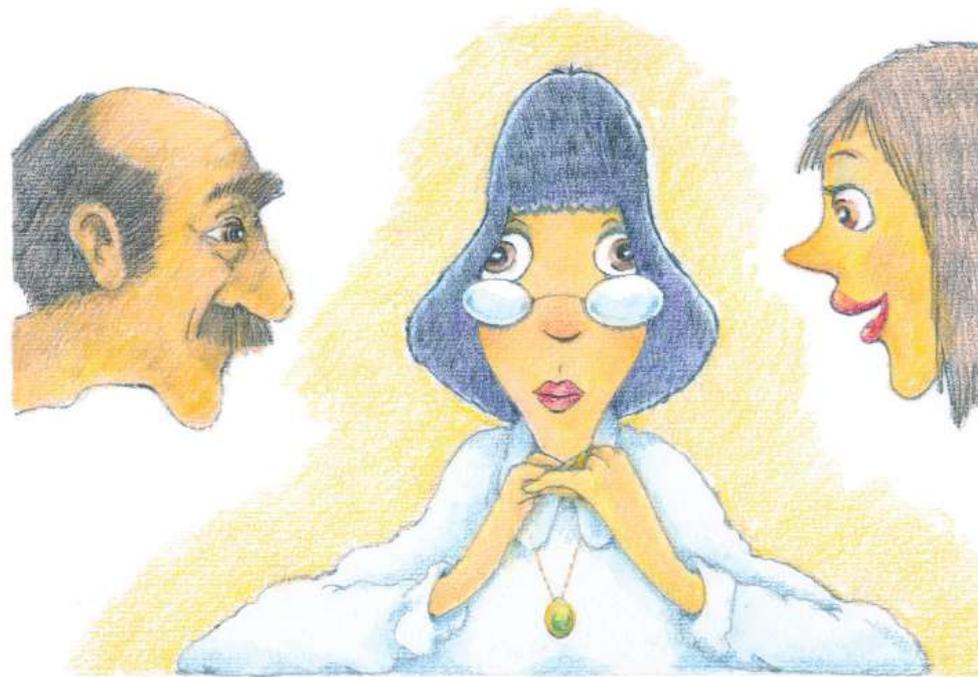
— A gente pode?

— Claro que pode — Joana respondeu.

— Para isso são as bibliotecas das escolas!

— Mas aqui não é biblioteca da escola! — o João falou.

— É sim — disse Joana. — Ninguém sabia desta passagem, mas aqui é a biblioteca da escola. Vocês não conheciam?



— Nós nunca entramos aqui! — disse a Tuca. — A biblioteca está sempre fechada!

O pai e a mãe de Pedrinho se olharam!

— Ora essa! — disse Antônio. — Pra que serve uma biblioteca fechada?

No dia seguinte, Joana e Antônio foram falar com a diretora da escola, dona Babete Ventura.

Não sei o que foi que eles conversaram.
Mas na semana seguinte apareceu na frente
da escola uma faixa que dizia:



A festa na biblioteca foi ótima!

Vieram crianças de todas as escolas da redondeza.

Teve uma surpresa muito grande para Pedrinho.

Com essa história toda, Antônio descobriu que os livrões de que Pedrinho tanto gostava tinham sido escritos à mão por dona Carlotinha.

Ele então mandou para a Editora Salamandra, e a Lenice, que é a editora lá deles, gostou muito e resolveu editar as histórias todas.



Então ela fez a coleção Bárbara, ilustrada pelo Walter Ono, pela Eva Furnari, pelo Ziraldo, pelo Carlos Brito, pela Helena Alexandrino, pelo Ivan Zigg e por mais uma porção de ilustradores incríveis e eles todos vieram para a festa.

Teve o lançamento dos livros e a Ana Maria Machado e a Sylvia Orthof e o João Marinho e a Anna Flora e a Edy Lima vieram e assinaram muitos autógrafos nos livros deles.



Eu fui também e ganhei das crianças o Prêmio Jacaré, que era um prêmio que elas inventaram.

E as crianças podiam andar pela biblioteca toda e ver todos os livros, e sentar nas mesinhas para ler o que elas quisessem.

E daí em diante, a biblioteca passou a ficar aberta, não só o dia inteiro, mas nos sábados e domingos e, em alguns dias, até à noite.

E a cidade inteira podia ser sócia e levar livros para casa. E teve uma porção de pessoas que deram mais livros para a biblioteca, todos ótimos, que ninguém ia dar livros-porcaria para uma biblioteca tão boa.

E até tiveram que ocupar outra sala da escola, para os livros todos caberem.



E agora, quando o Pedrinho fica com muita saudade da vovó, ele vai até a biblioteca e fica lendo os livros dela: do Trenzinho que Tinha o Nariz Frio, do Marinheiro Tatuado, dos Patos que Cantavam o Hino Nacional...



Ruth Rocha

Na minha infância, a história sempre esteve presente. Contos de fadas, *As mil e uma noites*, contos folclóricos... Lidos e contados por minha mãe, meu pai e, especialmente, meu avô loio.

Meu avô conhecia e contava todas as histórias que existiam, mas sempre ambientadas na Bahia, de onde a família viera. Os personagens falavam de lugares com nomes engraçados, como Caixaprego e Ladeira do Escorrega. E as histórias sempre acabavam em festas de casamento, cheias de doces gostosos, como papos de anjo, amor aos pedaços, alfenins...

Por isso eu digo que a história entrou na minha vida pelo caminho mais efetivo: o caminho afetivo.

Hoje sou eu que conto histórias. Para todas as crianças: as que gostam de contos clássicos, e também aquelas, como minha filha, que gostava de histórias do cinzeiro, da mesa, da lua. Foi a partir de uma pergunta feita por ela que eu escrevi *Romeu e Julieta*, meu primeiro conto publicado na revista *Recreio*. E desde então não parei mais. Deixei que a profissão de escritora me escolhesse, e fui inventando essa profissão.

Agora, aos 40 anos de carreira, tenho a felicidade de ver toda a minha obra reunida na *Biblioteca Ruth Rocha*, publicada pela Editora Salamandra.



Onofre

Nasci mineiro. Vim pra São Paulo menino. Adolescente, descobri o rock e a bossa nova. Na Faculdade de Arquitetura vivíamos o final do Modernismo, a contracultura, a literatura latino-americana, a comunicação de massa e as passeatas contra a ditadura.

Foi um período de grande mudança cultural. No desenho, a grande virada veio com a *pop-art*, o filme *Submarino amarelo* (desenhos de Heinz Edelmann) e o estúdio Push Pin (Milton Glaser). Neste espírito, na busca de novas verdades, conheci a Ruth.

Não é pra ser agradecido e feliz?